

APRESENTAÇÃO

ARNALDO SOUSA MELO
MARIA DO CARMO RIBEIRO

A presente obra, que surge na sequência do primeiro livro intitulado *História da Construção – Os Construtores*, é devedora, em grande parte, do *II Colóquio Internacional História da Construção – os Materiais*, realizado na Universidade do Minho, nos dias 27 e 28 de Outubro de 2011.

A temática em apreço constitui-se como uma área de investigação internacional com forte desenvolvimento, no âmbito da qual tem sido produzida diversa bibliografia e realizados vários encontros científicos, reunindo investigadores de múltiplas especialidades, que se debruçam sobre contextos cronológicos diferenciados, como é exemplo, entre outros, o *Fourth International Congress on Construction History*, realizado em Paris, nos dias 3 a 7 de Julho de 2012.

A nível nacional, mormente o estado mais incipiente das investigações, têm sido dados alguns contributos importantes, nos quais esta obra se insere. Relembremos a I conferência *História da Construção em Portugal – Alinhamentos e Fundações*, realizada em Lisboa, em 2010, ou o *I Colóquio Internacional História da Construção – Os Construtores*, que teve lugar na Universidade do Minho, igualmente em 2010, assim como o já referido *II Colóquio Internacional História da Construção – os Materiais*, em 2011, do qual resulta o presente livro. Refira-se, aliás, que os dois congressos, realizados na Universidade do Minho dedicados à História da Construção, têm procurado constituir uma equipa internacional e multidisciplinar que congrega especialistas de diferentes áreas do saber, que abordam distintos períodos cronológicos e espaços geográficos. Saliente-se ainda que, entre outros, está a ser preparado pela referida equipa o terceiro colóquio, desta vez dedicado ao tema das arquiteturas e técnicas construtivas.

Tal como já referido, este livro resulta dos contributos de alguns dos investigadores que participaram no *II Colóquio Internacional História da Construção – os Materiais*, que teve por objetivo dar continuidade ao referido tema, centrando-se

desta vez nas diversas questões em torno dos materiais da construção, desde o período romano até à Idade Moderna.

Esta obra tem início com uma abordagem generalista acerca dos materiais de construção utilizados numa cidade romana, *Bracara Augusta*. Jorge Ribeiro e Manuela Martins analisam a grande variedade de materiais usados ao longo do período romano, destacando a pedra, as argamassas, a argila, a madeira, os materiais metálicos e os vidros, que dão testemunho de uma ativa e permanente atividade edilícia, determinada pelo rápido desenvolvimento da cidade e por sucessivos momentos de renovação urbana. Destaque-se, igualmente, as várias questões equacionadas neste artigo designadamente quanto à proveniência, evolução, múltiplas aplicações, contexto de produção e manipulação dos materiais utilizados nos programas construtivos.

Segue-se um conjunto de três estudos que se centram nas questões de reutilização de materiais em períodos posteriores ao do seu primitivo uso. Christian Darles apresenta um estudo focado no uso da madeira, na sua standardização e reutilização na construção, numa área geográfica específica, o sul da arábia antiga, em particular o Yemen. O autor debruça-se sobre um tipo de arquitetura civil largamente difundido, a casa-torre, construída na sua base por grande aparelho de pedra e nas paredes por peças de madeira de dimensões *standardizadas*, reforçadas com tijolo cru. Analisa, ainda, outros usos da madeira na construção, nomeadamente nas vigas, colunas e pisos, assim como nos motivos escultóricos dos edifícios.

Por sua vez, Daniela Esposito analisa a reutilização, na Idade Média e início da Idade Moderna em Roma, de alguns materiais de construção, designadamente pedra e cal. A autora destaca a utilização frequente do material calcário na Idade Média, em resultado da espoliação de mármore realizada nos edifícios construídos no período romano. Estes materiais eram posteriormente reutilizados nas construções medievais e modernas, ou transformados em cal. A autora destaca, ainda, que a prática continuada da reutilização de materiais provenientes de edifícios antigos implicou o desenvolvimento de “estaleiros de desconstrução”.

Por fim, Rafael Cómez Ramos estuda a arquitetura mudéjar sevilhana como exemplo de reutilização de materiais antigos nos edifícios medievais. Deste processo, o autor destaca as colunas e os capitéis romanos e visigodos que se converteram em signos e símbolos de prestígio e poder desde o século XIII ao XIV. Situação idêntica a esta verificara-se anteriormente, na Alta Idade Média, com a arquitetura islâmica através da reutilização dos materiais romanos anteriores.

Um outro conjunto de artigos versa sobre os vários tipos de materiais de construção utilizados em diferentes regiões e âmbitos medievais. Manuel Real analisa a arquitetura cristã da Alta Idade Média portuguesa, identificando um conjunto variado de matérias-primas, entre as quais destaca a alvenaria. Ao longo do artigo

o autor desenvolve aspetos concretos tais como o recurso à matéria-prima local; a diversidade e complementaridade dos materiais; a questão das igrejas construídas em madeira; a exploração das pedreiras; a reutilização de materiais antigos e medievais; a importação de matérias-primas e, ainda, as diferentes técnicas de reaproveitamento de materiais.

Seguidamente, Arnaldo Melo e Maria do Carmo Ribeiro apresentam um estudo preliminar sobre as principais categorias de materiais utilizados nos aglomerados urbanos da região de Entre Douro e Minho, em particular nos séculos XIV e XV, através do estudo de grandes edificações, designadamente de muralhas e castelos, de Sés e demais igrejas, de paços senhoriais, mas também da habitação corrente. Através da análise realizada pelos autores com base em diversas fontes, nomeadamente escritas, arqueológicas e o edificado sobrevivente, foi possível verificar que os materiais usados nas construções urbanas medievais podiam ter uma proveniência local, regional ou extrarregional, ser novos ou reutilizados, e obtidos através de diversas modalidades.

Por sua vez, Saúl Gomes desenvolve uma análise acerca dos materiais de construção na região de Leiria, documentando a exploração de matérias-primas com impacto na construção monumental e comum neste território na Idade Média, desde o século XII. Analisa, em particular, a produção de madeiras e a exploração de pedreiras calcárias e de minérios, a sua utilização na construção corrente, bem como o impacto dessas atividades no mercado de trabalho artesanal.

Por fim, Luís Fontes e Aida Mata procedem a uma análise sobre os materiais construtivos utilizados no mosteiro beneditino de São Martinho de Tibães, próximo de Braga, desde a sua fundação em 1077, até à sua extinção em 1834-36. Ao longo deste período, o mosteiro conheceu diversas reconstruções, ampliações e remodelações. Os autores, com base nas investigações arqueológicas e documentais, dão a conhecer os materiais construtivos utilizados nos edifícios do referido mosteiro, tendo por referência os três principais ciclos construtivos identificados: séculos XI-XII; século XVI; e séculos XVII-XVIII.

Os usos da cortiça na construção corrente medieval e quinhentista foram abordados por Manuel Sílvio Conde, tema que, aliás, reconhece ter sido “apagado” da historiografia portuguesa. Todavia, através da análise realizada pelo autor foi possível concluir que as aplicações da cortiça na arquitetura portuguesa tardo medieval e quinhentista são bastante diversificadas, abrangendo coberturas, paredes e tabiques, forros, pavimentos, revestimentos e decoração. Estes usos referem-se sobretudo à casa comum, mas também, envolvem outro tipo de construções e arquiteturas.

Por sua vez, Patrice Beck realiza um estudo de caso acerca das propriedades do Duque de Borgonha, na segunda metade do século XIV, cujos inúmeros domínios se constituíram autênticos estaleiros de construção, renovação e manutenção, em

atividade permanente. Esta situação encontra-se testemunhada nos registos de contabilidade, assim como nos edifícios conservados até à atualidade. A análise cruzada dos documentos escritos e dos vestígios arqueológicos constitui uma metodologia válida para analisar as condições de gestão e utilização dos materiais nestes estaleiros.

Philippe Bernardi reflete sobre o papel dos estaleiros de construção medievais na circulação dos materiais, novos ou reutilizados, nomeadamente através de práticas de venda dos materiais sobrantes, ou a sua utilização como forma de pagamento. O autor utiliza em particular os dados provenientes de fontes escritas, medievais e modernas, relativos à venda de materiais inutilizados ou resultantes de sobras. Através da análise destas práticas o autor visa igualmente destacar o modo como o estaleiro de construção se inseria no quotidiano da sociedade coeva.

Seguidamente, Robert Carvais estuda a regulamentação e controlo judiciário dos materiais de construção em Paris no *Período Moderno*. Esses procedimentos visavam uma definição e controlo da qualidade dos variados tipos de materiais de construção. Em particular incluíam a realização de testes de resistência e durabilidade, impondo uma crescente padronização dos materiais. A fiscalização incidia não só nos estaleiros, como também nos locais de fabrico. As sentenças condenatórias, em casos de infração, podiam incluir penas pecuniárias pesadas e a interdição de trabalhar e de vender durante um certo período de tempo.

Finalmente, João Mascarenhas Mateus procede a uma análise acerca da importância dos componentes inertes na confeção das argamassas tradicionais, realçando a necessidade de conhecer a evolução histórica dos seus respetivos procedimentos de preparação e utilização. A investigação histórica destes componentes constitui, para o autor, um capítulo incontornável no estudo de como se fabricavam as alvenarias da construção tradicional.

Desta forma, acreditamos que a presente obra constitui um contributo valioso para o desenvolvimento e investigação futura sobre a História da Construção, em particular, no que diz respeito às questões em torno dos materiais.

Para finalizar esta apresentação, não podemos deixar de agradecer a todos aqueles que tornaram possível este livro. Ao CITCEM, ao Departamento de História da Universidade do Minho e ao LAMOP (Université de Paris 1 e CNRS), pelo seu financiamento. Aos respetivos autores pelo contributo que trouxeram com as suas últimas investigações nesta temática, alimentando desta forma o debate e o conhecimento científico sobre a história dos materiais utilizados na construção, desde a época romana até ao período *Moderno*.